Bibliografia

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Adorno. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
AGAMBEN, Giorgio. *Qu'est-ce qu'un dispositif?* Paris: Payot, Rivages, 2007.
AGAMBEN, Giorgio. *Profanações.* São Paulo: Boitempo, 2007.
ALLIEZ, Éric. "*Post-scriptum sur l'ésthétique relationnelle: capitalisme, schizophrénie et consensus"* em revista *Multitudes* 34. Paris: Amsterdam, 2008.
ANCET, Pierre. "Teratologia, ovvero scienza dei mostri. Il lavoro di Geoffroy Saint-Hilaire" em *Desiderio del mostro – dal circo al laboratorio alla política.* FADINI, Ubaldo, NEGRI, Antonio e WOLFE T., Charles (orgs). Roma: Manifestolibri, 2001.
ANDERSON, Chris. *A Cauda Longa – do mercado de massa para o mercado de nicho.* Rio de Janeiro: Editora Campus, 2008.
ANDRADE, Oswald de. *Estética e Política*. São Paulo: Editora Globo, 1992.
ANDRADE, Oswald de. *A Utopia Antropofágica*. São Paulo: Editora Globo, 2001.
ANDRADE, Oswald de. *Ponta de Lança*. São Paulo: Editora Globo, 2004.
ANTOUN, Henrique e MALINI, Fábio. *"Ontologia da liberdade na rede: as multi-mídias e os dilemas da narrativa coletiva dos acontecimentos"* em www.compos.org.br (GT Comunicação e Cibercultura)
BAKHTIN, Mikhail. *Para uma Filosofia do Ato*. Tradução de Alberto Faraco e Cristóvão Tezza (tradução não revisada, exclusiva para uso didático e acadêmico) da edição americana *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, 1993.
BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochinov). *Le Marxisme et la Philosophie du Langage – essai d'application de la méthode sociologique en linguistique.* Paris: Les Éditions de Minuit, 1977.
BAKHTIN, Mikhail. *La Poétique de Dostoïevski.* Paris: Éditions du Seuil, 1970.
BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003
BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. *O Contexto de François Rabelais.* Brasília: Universidade de Brasília e Hucitec, 1999.
BARBOSA DE OLIVEIRA, Lúcia Maciel. *Corpos Indisciplinados – Ação cultural em tempos de biopolítica.* São Paulo: Beca, 2007.
BARRUS, Edson. "Cão Mulato / Canis Mutatis. Viralata in progress" em revista Lugar Comum – Estudos de mídia, cultura e democracia número 27, janeiro-abril 2009.
BASBAUM, Ricardo. *Além da Pureza Visual*. Porto Alegre: Zouk, 2007.
BASBAUM, Ricardo. "Clark & Oiticica" em BRAGA, Paula (org.) *Seguindo Fios Soltos: caminhos na pesquisa sobre Hélio Oiticica*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
BASBAUM, Ricardo. <www.ciencialit.letras.ufrj.br/entrelugares/ricardo.htm> e <http://forumpermanente.incubadora.fapesp.br/portal/.rede/nbp>
BASUALDO, Carlos (org.). *Tropicália – uma revolução na cultura brasileira (1967-1972)*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.
BATAILLE, Georges. *Histoire de l'oeil* (1928), em *Oeuvres Complètes*. Paris: Gallimard, 1970-1988.
BAUMAN, Zygmunt. *Globalização - As Conseqüências Humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.
BENJAMIN, Walter. "A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica" em COSTA LIMA, Luiz (org.) *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

BENTES, Ivana. “Multitropicalismo, cine-sensação e dispositivos teóricos” em BASUALDO, Carlos (org.). *Tropicália – uma revolução na cultura brasileira (1967-1972)*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.
BENTES, I. “Sertões e Favelas nel cinema brasiliano contemporaneo: Estetica e Cosmetica della Fame”. In: Gian Luigi De Rosa. (Org.). *Alle Radici del Cinema Brasiliano*. Milão: Salerno, 2003.
BEY, Hakim. *Taz – zona autônoma temporária.* São Paulo: Conrad, 2001.
BOLTANSKI, Luc e CHIAPELLO, Ève. *Le Nouvel Esprit du Capitalisme*. Paris: Gallimard, 1999.
BORGES, Fabiane. *Domínios do Demasiado*. Dissertação de Mestrado - Núcleo de Subjetividade da PUC/SP, 2006.
BORGES, Fabiane. “Ocupação de espaços, almas e sentidos” em revista GLOBAL/Brasil número 2, 2004.
BORGES, Fabiane. “Anda povo! Vai pra rua!” em revista GLOBAL/Brasil número 4, 2005.
BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas II*. São Paulo: editora Globo, 1999.
BOURRIAUD, Nicolas. *Esthétique Relationnelle*. Paris: Les presses du réel, 2001.
BOURRIAUD, Nicolas: www.tate.org.uk/britain/exhibitions/altermodern/manifesto.shtm
BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
BUCHANAN Richard. “Wicked problems in design thinking” em MARGOLIN, Victor and BUCHANAN Richard (editors). *The Idea of Design. A “Design Issues” Reader*. Cambridge (EUA) e Londres (Inglaterra): The MIT Press, 1995.
CAMARGO DE STAAL, Ana Helena (org.) *José Celso Martinez Correa. Primeiro ato - cadernos, depoimentos, entrevistas (1958-1974)* São Paulo: 34 Letras, 1998.
CAMELÔS, Maria dos. Entrevista concedida por Maria dos Camelôs (militante do MUCA - Movimento Unificado dos Camelôs) à revista GLOBAL/Brasil número 7, dez-jan-fev 2007.
CAMPOS, Augusto de. Introdução à reedição da Revista de Antropofagia, 1975. http://www.antropofagia.com.br/antropofagia/pt/artigos_01.html.
CANDIDO, Antonio. "Dialética da Malandragem" em *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 1970, nº 8. p. 342.
CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 2006.
CASTRO, Oona e LEMOS, Ronaldo. *Tecnobrega: o Pará reinventando o negócio da música*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.
CHOLLET, Laurent. *Les Situacionistes – L’Utopie incarnée*. Paris: Découvertes Gallimard, 2004.
CIPINIUK, Alberto. *A face pintada em pano de linho: moldura simbólica da identidade brasileira*. Rio de Janeiro: Loyola / PUC-Rio, 2003.
COCCO, Giuseppe. “A cidade policêntrica e o trabalho da multidão” *em* revista Lugar Comum – estudos de mídia, cultura e democracia, número 9/10, setembro 1999-abril 2000, Rio de Janeiro: NEPCOM/UFRJ e editora E-papers.
COCCO, Giuseppe, GALVÃO, Alexander Patez; SILVA, Gerardo (orgs). *Capitalismo Cognitivo*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.
COCCO, Giuseppe e NEGRI, Antonio. *Biopoder e lutas em uma América Latina globalizada.* Rio de Janeiro: Record, 2005.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

COCCO, Giuseppe. "Antropofagias, racismo e ações afirmativas" em revista Lugar Comum – estudos de mídia, cultura e democracia, número 23/24, janeiro-abril 2008. Rio de Janeiro: Universidade Nômade e editora E-papers.
COCCO, Giuseppe. *MundoBraz. O devir-Brasil do mundo e o devir-mundo do Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
COHEN, Renato. *Performance como lingagem*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
COLLIN, Michèle e SZANIECKI, Barbara (org.). Dossiê "*Ville productive, luttes et subjectivités*" em revista *Multitudes*. Paris: Éditions Amsterdam, número 33, verão 2008.
CORSINI, Leonora. A potência da hibridação – Edouard Glissant e a creolização em revista Lugar Comum – estudos de mídia, cultura e democracia, número 25/26, maio-dezembro 2008, p. 212. Rio de Janeiro: Universidade Nômade e editora E-papers.
DA CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1999.
DA MATTA, Roberto. *Dez anos depois: em torno da originalidade de Gilberto Freyre*. Artigo que retoma idéias anteriormente publicadas no Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, BIB, Rio de Janeiro, n. 24, 1987.
DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro.* Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
DA MATTA, Roberto. *A Casa e a rua – espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
DARNTON, Robert. *O Grande Massacre dos Gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
DEBORD, Guy. *Rapport sur la construction des situations et sur les conditions de l'organisation et de l'action de la tendance situationniste internationale*. Paris: Mille et une nuits, département de la Librairie Arthème Fayard, 2000.
DEBORD, Guy. *La Société du Spectacle*. Paris: Gallimard, 1992.
DE CERTEAU, Michel. *L'invention du quotidien 1. Arts de faire.* Paris: Gallimard, 1990.
DELEUZE, Gilles. "*Qu'est-ce qu'un dispositif?*" em *Deux régimes de fous - textes et entretiens 1975-1995.* LAPOUJADE, David (org.). Paris: Minuit, 2003.
DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mille Plateaux – Capitalisme et schizophrénie*. Paris: Minuit, 1980.
DELEUZE, Gilles e GUATTARI. Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia.* São Paulo: Editora 34, 2005.
DIAS LESSA, Washington. "A Esdi e a contextualização do design" em SOUZA LEITE, João. *A Herança do Olhar – a herança de Aloísio Magalhães*. Rio de Janeiro: Artviva Produção Cultural, 2003.
DIDI-HUBERMAN, Georges. *La ressemblance informe ou le Gai savoir visuel selon Georges Bataille*. Paris: Macula, 2003.
FAUSTINI, Marcos Vinícius. *Guia afetivo da Periferia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
FAVARETTO, Celso. *Tropicália, alegoria, alegria*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996.
FERREIRA, Felipe. *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
FLORIDA, Richard. *The rise of the Creative Class: and how it's transforming work, leisure, community and every day life*. New York: basic Books, 2002.
FOSTER, Hal. *Design & Crime [and other diatribes]*. Londres: Verso, 2003.
FOUCAULT, Michel. "Préface à la transgression" em *Critique XIX*, 1963, número 195-196.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

FOUCAUT, Michel. "Da Natureza Humana: Justiça contra Poder" em *Ditos e Escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 87
FOUCAULT, Michel. "Des Espaces autres" (artigo de 1967 publicado somente em 1984). *Dits et Écrits, Tome IV*. Paris: Gallimard, Seuil, 1994.
FOUCAULT, Michel. "*Il faut défendre la société*"! – *Cours au Collège de France. 1975-1976.* Paris: Gallimard, Seuil, 1997.
FOUCAULT, Michel. *Sécurité, Territoire, Population – Cours au Collège de France. 1977-1978*. Paris: Gallimard, Seuil, 2004.
FRANKE, Anselm. *B-zone - Becoming Europe and Beyond*. Berlin, Barcelona: KW Institute for Contemporary Art, actar, 2005
FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.
FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos.* São Paulo: Global, 2003.
GELL, Alfred. *Art and Agency*. New York: Oxford University Press Inc., 1988.
GORZ, André. *L'immatériel. Connaissance, valeur et capital*. Paris: Galilée, 2003.
GOTO, Newton. *Desligare* http://e-ou.org/wp-content/uploads/2008/12/desligare-texto.doc
GUATTARI, Félix. *Chaosmose*. Paris: Galilée, 2005.
GUATTARI, Félix. www.revuechimeres.fr/guattari/guattari.html: *Vers une ère post-média*
HARAWAY, Donna. *Manifeste Cyborg et autres essais – Sciences, Fictions, Féminismes – Anthologie établie par Laurence Allard, Delphine Gardey et Nathalie Magnan.* Paris: Exils, 2007.
HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Multidão – Guerra e democracia na era do império.* Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.
HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Commonwealth*, Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2009.
HARVEY, David. *A Condição Pós-moderna*. São Paulo: edições Loyola, 1993.
HIRSCHMAN, Albert O. Exit, *Voice, and Loyalty: Responses to Decline in Firms, Organizations, and States*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1970
HOBBES, Thomas. *Léviathan ou Matière, forme et puissance de l'État Chrétien et civil.* Paris: Gallimard, 2000.
JACQUES, Paola Berenstein (org). *Apologia da deriva: escritos situacionista sobre a cidade / Internacional Situacionista.* Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2003.
JACQUES, Paola Berenstein: www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp176.asp
JACQUES, Paola Berenstein. *Estética da Ginga – A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
JAMESON, Frederic. *Pós-Modernismo – A lógica cultural do capitalismo tardio.* São Paulo: Ática, 1995.
JAPPE, Anselm. *Guy Debord*. Marseille: Via Valeriano, 1995.
KLEIN, Naomi. *No Logo – Taking Aim at the Brand Bullies*. New York: Picador, St. Martin's Press, 1990.
KOOLHASS, Rem. *New York délire*. Marseille: Parenthèses, 2002.
KRISTEVA, Julia. Prefácio a BAKHTIN, Mikhail. *La Poétique de Dostoïevski*. Paris: Éditions du Seuil, 1970
LADDAGA, Reinaldo. *Estética de la emergencia – la formación de otra cultura de las artes*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2006.
LASCAULT, Lascault. *Le Monstre dans l'Art Occidental*. Paris: Klincksieck, 2004.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

LAZZARATO, Maurizio e NEGRI, Antonio. *Trabalho Imaterial*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 34.
LAZZARATO, Maurizio. "Pour une redéfinition du concept de 'Biopolitique'" <http://multitudes.samizdat.net/Pour-une-redefinition-du-concept>
LAZZARATO, Maurizio. "To see and to be seen – a micropolitics of the image" e *"The Media, Conversation and Public Opinion"* em FRANKE, Anselm. *B-zone - Becoming Europe and Beyond.* Berlin, Barcelona: KW Institute for Contemporary Art, actar, 2005.
LAZZARATO, Maurizio. "La Maquina" em revista Brumaria – arte, máquinas, trabajo immaterial. Madrid: Brumaria, número 7, dezembro 2006.
LAZZARATO, Maurizio. *As Revoluções do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
LEMOS, André. "Cibercultura como território recombinante" em DUPRAT MARTINS, Camila, CASTRO E SILVA, Daniela e MOTTA Renata (organizadoras.), *Territórios Recombinantes – Arte e Tecnologia*. São Paulo: Cadernos Instituto Sérgio Motta 13, 2007.
LEVI, Primo. *É isto um Homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
LEVI, Primo. *71 contos de Primo Levi (O Servo)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
LICHTENSTEIN, Jacqueline. *A Pintura – textos essenciais. Volume 2: A teologia da imagem e o estatuto da pintura*. Rio de Janeiro: editora 34, 2004.
LINEBAUGH, Peter e REDIKER Marcus. *A Hidra de muitas cabeças – marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico Revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
MAGALHÃES, Aloísio. "Eugene Feldman, visto por Aloísio Magalhães" em LEITE, João de Souza (org.) *A Herança do Olhar – O Design de Aloísio Magalhães.* Rio de Janeiro: Artviva, 2003.
MAGALHÃES, Aloísio. *E Triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
BLOCH, Marc, *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien (1941).* http://classiques.uqac.ca/classiques/bloch_marc/apologie_histoire/apologie_histoire.html
MAU, Bruce. *Life Style*, New York: Phaidon, 2000.
MELIN, Regina. *Performance nas artes visuais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
MENGER, Pierre-Michel. *Profession artiste. Extension de la création.* Paris: éditions Textuel, 2005.
MOULIER BOUTANG, Yann. *Le Capitalisme Cognitif – La Nouvelle Grande Transformation.* Paris: Éditions Amsterdam, 2007.
MUMFORD, Lewis. *A Cidade na História*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
NEGRI, Antonio. "Il mostro politico. Nuda vita e potenza." em *Desiderio del mostro – dal circo al laboratorio alla politica.* FADINI, Ubaldo, NEGRI, Antonio e WOLFE T., Charles (organizadores). Roma: Manifestolibri, 2001.
NEGRI, Antonio. *Goodbye Mr Socialism* (Raf Valvola Scelsi, org.) Milão: Feltrinelli, 2006.
NEGRI, Antonio. *Kairòs, Alma Venus, Multitudo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
NEGRI, Antonio. *La métropole est à la multitude ce que, autrefois, l'usine était a la classe ouvrière: à propos d'un vieux dicton et des certaines expériences de lutte plus proches*. http://seminaire.samizdat.net/La-metropole-est-a-la-multitude-ce,155.html

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

NEGRI, Antonio. "Dispositivo Metrópole. A Multidão e a Metrópole" em revista Lugar Comum – Estudos de Mídia, Cultura e Democracia, número 25/26, maio-dezembro 2008. Rio de Janeiro: E-papers e Rede Universidade Nômade.
NEGRI, Antonio. "Antonio Negri no Fórum Livre do Direito Autoral" em revista Lugar Comum – estudos de mídia, cultura e democracia, número 28, maio-agosto 2009. Rio de Janeiro: E-papers e Rede Universidade Nômade.
NIEMEYER, Lucy. *Design no Brasil – origens e instalação.* Rio de Janeiro: 2AB, 1998.
NIETZSCHE, Friedrich. *La vision dionysiaque du monde.* Paris: Éditions Allia, 2004.
NOËL, Bernard (org.). *Georges Bataille – Documents.* Paris: Mercure de France, Gallimard, 1968.
NUNES, Benedito. *Oswald Canibal*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
OITICICA, Hélio. *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira* – Cultura Brasileira e Indústria Cultural. São Paulo: Brasiliense, 2006.
PELBART, Peter Pál. *Vida Capital – ensaios de biopolítica.* São Paulo: Iluminuras, 2003.
PELBART, Peter Pál. *O tempo não-reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
PETRESCU, Doina, QUERRIEN, Anne e PETCOU, Constantin (orgs.). Dossiê *"Une micropolitique de la ville: l'agir urbain"* em revista *Multitudes*. Paris: Éditions Amsterdam, número 31, inverno 2008.
PORTELLA, Sérgio Luiz Dias. "Patrimônio antropofágico: AM reflete MA" em *Políticas Culturais: Diálogo Indispensável* (org. Lia Calabre). Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2005.
PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil – ensaio sobre a tristeza brasileira.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.
RAJCHMAN, John. *Constructions*. Massachusetts Institute of Tecnology, 1998.
RANCIÈRE, Jacques. *Le Malaise de L'Esthétique*. Paris: Galilée, 2004.
RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível. Estética e Política*. São Paulo: Editora 34, 2005.
REVEL, Judith. *Fare Moltitudine*. Calábria: editora Rubbettino, 2004.
RHEINGOLD, Howard. *Multitudes Inteligentes – la próxima revolución social*. Barcelona: Gedisa, 2002.
ROCHA, Glauber. "Tropicalismo, antropologia, mito, ideograma" em BASUALDO, Carlos (org.). *Tropicália – uma revolução na cultura brasileira (1967-1972)*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.
RODRIGUES, J. L. P. "O design tropicalista de Rogério Duarte" em MELO, Chico Homem de (org.). *O design gráfico brasileiro – anos 60*. São Paulo: Cosacnaify, 2006.
ROLNIK, Suely. *A vida na berlinda* http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/1338,1.shl
ROSAS, Ricardo. http://virgulaimagem.redezero.org/ricardo-rosas-in-memoriam/
SAMARA, Thimothy. *Grid: Construção e Desconstrução*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
SANTIAGO, Silviano. "Caetano Veloso, os 365 Dias de Carnaval" em Cadernos de Jornalismo e Comunicação, n. 40, janeiro-fevereiro de 1973
SENNETT, Richard. *Carne e Pedra – O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

SILVA, Gerardo. *Uma aventura própria das cidades em 'Capitalismo e Esquizofrenia' de Gilles Deleuze e Félix Guattari*. Tese de Doutorado defendida no IUPERJ/UCAM em 2007.
SILVA, Gerardo e SZANIECKI, Barbara. "Pontos de Mídia" em revista Lugar Comum - estudos de mídia, cultura e democracia, número 27, janeiro-abril 2009. Rio de Janeiro: Universidade Nômade e editora E-papers.
SILVA, Gerardo e SZANIECKI, Barbara. "A Global é Ponto de Mídia Livre!" em revista GLOBAL/Brasil, número 11, 2009.
SOUZA LEITE, João. *A Herança do Olhar – a herança de Aloísio Magalhães*. Rio de Janeiro: Artviva Produção Cultural, 2003.
SÜSSEKIND, Flora. "Coro, contrários, massa: a experiência tropicalista e o Brasil de fins dos anos 60" em BASUALDO, Carlos (org.). *Tropicália – uma revolução na cultura brasileira (1967-1972)*. São Paulo: Cosacnaify, 2007,
SZANIECKI, Barbara. *Estética da Multidão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
THOMPSON, Edward Palmer. *Witness against the Beast*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
SZTUTMAN, Renato (org.) *Eduardo Viveiros de Castro (série "Encontros")*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.
TERRANOVA, Tiziana. *Cultura Network – Per una micropolitica dell'informazione*. Roma: Manifestolibri, 2006.
VELOSO, Caetano. *Verdade Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
VIANNA, Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil.* Rio de Janeiro: José Olímpio, 1918.
VIANNA, Hermano. *O Mundo Funk Carioca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
VIRNO, Paolo. *Grammaire de la Multitude – pour une analyse des formes de vie contemporaines*. Québec: Éditions de l'Éclat, Nîmes et Conjonctures, 2002.
VIRNO, Paolo. *Virtuosismo e Revolução*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem.* São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
WIENER, Norbert. *God & Golem Inc. Sur quelques points de collision entre cybernétique et religion*. Nîmes: Éditions de l'Éclat, 2000 (MIT Press, 1964).
WIENER, Norbert. *Cybernetics, or Control and Communication in the Animal and the Machine.* Nova Iorque: Hermann, Paris e John Wiley & sons, Inc., 1948.
WIESEL, Elie. *O Golem. A história de uma lenda*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
WHITELEY, Nigel. "O designer valorizado" em revista Arcos. Rio de Janeiro: Esdi/Contra Capa, volume 1 número único, outubro de 1998.
WOFF, Janet Wolff. *The social production of art.* New York: University Press, 1993.
ZARIFIAN, Philippe. *Le travail et l'événement. Essai sociologique sur le travail industriel à l'époque actuelle*. Paris: L'Harmattan, 1995.
ZIMMERMANN, Laurent (org.). *Penser par les images – Autour des travaux de Georges Didi-Huberman*. Nantes: Éditions Cécile Default, 2006.
ZOUBIRABICHVILI, François. *Deleuze, une philosophie de l'événement*. Paris: PUF, 1994.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Artigos consultados em jornais:

Artigo "Camelôs 'embrulham' passarela de pedestres" em *O Globo,* 14 de fevereiro de 2008.

Artigo "Arquitetura da resistência: um manifesto" em *O Estado de São Paulo* (caderno *Aliás)*, domingo 16 de abril de 2006.

Entrevista de Rosalind Krauss em Folha de São Paulo (Ilustrada E5) de quarta 7 de outubro de 2009.

Revistas Consultadas:

Arcos – design, cultura material e visualidade (volumes I e II)

Global/Brasil (vários números)

Lugar Comum – estudos de mídia, cultura e democracia (vários números)

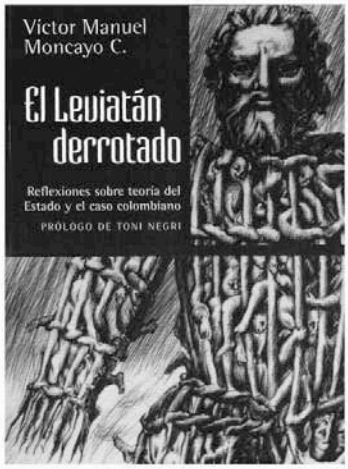
Multitudes (vários números)

Percevejo – revista de teatro, critica e estética (ano 11 n° 12 2003 sobre performance)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 1 - Capítulo 1: Leviatãs

O Leviatã, por Thomas Hobbes, 1660.
O Leviatã por Abraham Bosse, 1712.
O Leviatã por Gustave Doré, 1865.
Mussolini por Xanti, 1934.



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 2 - Capítulo 1: Hidras

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 3 - Capítulo 1: Monstros contemporâneos

18 • RIO O GLOBO Quinta-feira, 14 de fevere

ILEGAL. E DAÍ?

Camelôs 'embrulham' passarela de pedestres

Estrutura na Avenida Brasil fica coberta por plásticos

■ Um exemplo de desordem urbana cresceu rapidamente às vistas de quem trafega pela Avenida Brasil ou costuma freqüentar um dos pontos de ônibus instalados no trecho da via expressa, junto à Fundação Oswaldo Cruz, em Manguinhos. Não chega a ser novidade o fato de a passarela de pedestres, que cruza as pistas, ser usada por vendedores ambulantes para montar suas barracas, com toda a sorte de mercadorias — de comida a quinquilharias. Mas, agora, além de ocupar o espaço dos pedestres, os camelôs conseguiram cobrir praticamente metade da estrutura metálica com plásticos azuis, transformando a passarela praticamente num túnel.

Túnel azul de camelôs pode ser visto de longe

A cobertura improvisada, de acordo com passageiros de ônibus, foi instalada pelos ambulantes sem qualquer repressão por parte da fiscalização municipal.

A passarela, agora coberta, protege as barracas do sol e da chuva, mas também conseguiu diminuir ainda mais o espaço destinado aos pedestres. Muitos se queixam do risco de assaltos.

— Fico com medo de passar por esse túnel e ser assaltada — disse uma usuária da passarela de pedestres.

A cobertura de plásticos azuis, que fechou toda a extensão da rampa de acesso, já ocupa também boa parte da estrutura central da passarela. O túnel azul pode ser visto de longe por quem trafega pela avenida. ■

O TÚNEL AZUL: debaixo do plástico que cobre a passarela, camelôs vendem quinquilharias e c

Passarela é enfim 'desembrulhada'

Lixo de camelôs recolhido em operação da prefeitura enche 10 caminhões

Vitor Machado

■ Uma operação de combate à desordem urbana, realizada ontem pela Coordenação de Controle Urbano da prefeitura, "desembrulhou", literalmente, a passarela da Avenida Brasil em frente à Fiocruz, em Manguinhos, mostrada no GLOBO de 14 de fevereiro. Em cerca de seis horas de operação, os fiscais retiraram 11 trailers, sete banheiros improvisados, 30 barracas de madeira (sendo 20 na parte de cima e dez na rampa), oito carcaças de Kombis que eram usadas como depósito e dois contêineres de aço. Irlanelde Maria dos Santos, de 46 anos, foi presa por furto de energia e levada para a 53ª DP (Mesquita). Foi apreendida 1,5 tonelada de mercadorias, entre comidas, bebidas, cadeiras, mesas e freezers. O material foi levado para um depósito municipal em Bonsucesso. O lixo urbano, como resto de trailers, madeira e telhas, encheram o equivalente a dez caminhões da prefeitura.

Além de ocupar o espaço dos pedestres, os camelôs tinham coberto quase a metade da passarela com plásticos azuis, transformando-a numa espécie de túnel. Alguns usuários tinham medo de serem assaltados ao passar por ali.

Como a prefeitura notificou os vendedores na semana passada, a maioria deles já tinha se retirado. Os poucos que restavam no local vendiam comidas e bebidas. Antes da notificação, também havia caçaníqueis e CDs piratas.

Segundo o coordenador de Controle Urbano, Lúcio Costa, os ambulantes foram cadastrados. Hoje será realizada uma reunião com a associação de moradores da Vila do João, favela que fica em frente ao local, e com os próprios camelôs.

— Vamos regularizar 80 ambulantes, que não poderão ficar na passarela. Queremos tirá-los da ilegalidade — disse Costa.

Participaram da operação mais de cem agentes do município, auxiliados por 60 policiais do Batalhão de Policiamento de Vias Especiais (BPVE) e do 22º BPM (Maré), além de quatro eletricistas da RioLuz, para a retirada de "gatos" de energia. Foram utilizados quatro caminhões da prefeitura, um reboque e uma retro-escavadeira.

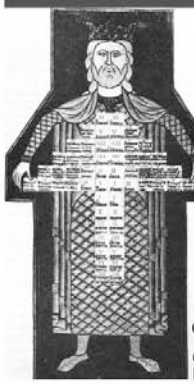
O GLOBO NA INTERNET GALERIA Veja fotos da retirada dos camelôs www.oglobo.com.br/rio

O LIXO retirado ontem da passarela em frente à Fiocruz (acima), "embrulhada" por sacos plásticos em fevereiro

Embrulhamento do *Pont Neuf*, por Christo e Jeanne Claude, Paris 1985.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 4 - Capítulo 1: Transgressões "ateológicas" de Bataille


0

1

O "corpo político de J.de Salisbury.
Ilustração de um manuscrito, séc. XIII.

2

3

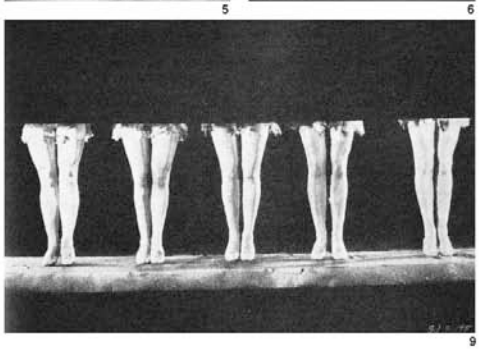
4

5

6

7

8


9

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 5 - Capítulo 1: Transgressões "ateológicas" de Bataille

10 a 10 b 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22

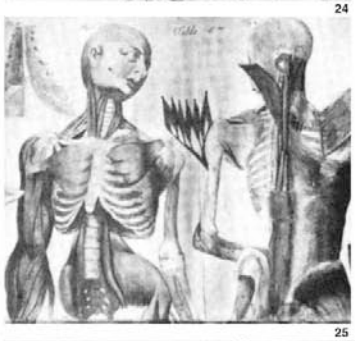
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 6 - Capítulo 1: Transgressões "ateológicas" de Bataille

23

24

26



25

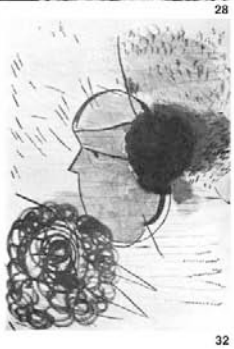
27

28

29

30

31



32

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

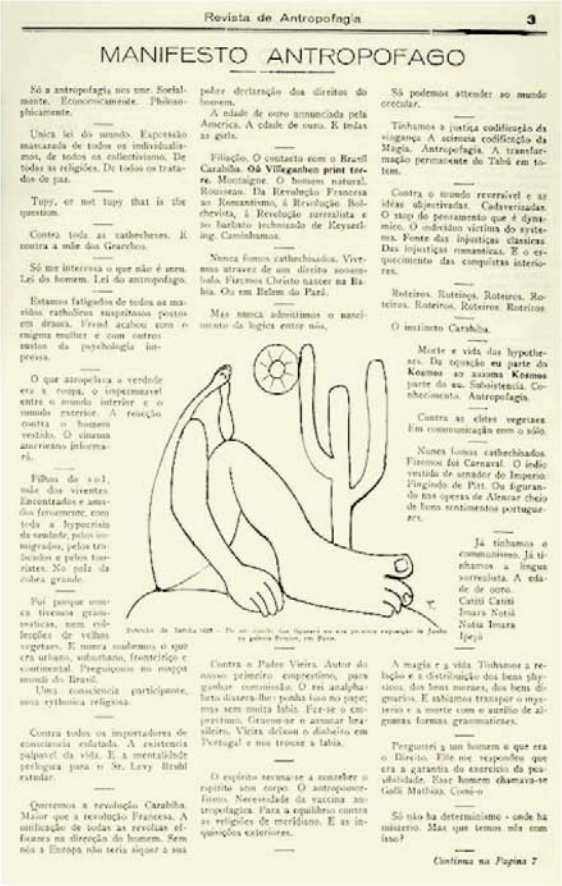
Anexo 7 - Capítulo 1: Irrupção da antropofagia

Le Gros Orteil de J.A. Boiffard,1930.

Abaporu de Tarsila do Amaral, 1928.

Acima,
Revista Klaxon.

Ao lado,
Revista de Antropofagia.



Revista de Antropofagia 3

MANIFESTO ANTROPOFAGO

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Philosophicamente.

Unica lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os collectivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupy, or not tupy that is the question.

Contra toda as cathecheses. E contra a mãe dos Gracchos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropofago.

Estamos fatigados de todos os maridos cathedricos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros muitos da psychologia impressa.

O que antropofaga o verdeje era a roça, o impermavel entre o mundo interior e o mundo exterior. A reacção contra o homem vestido. O cinema americano informará.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hypocrisia da saudade, pelos emigrados, pelos tristonhos e pelos turistas. No pais da cobra grande.

Foi porque nunca tivemos grammaticas, nem collecções de velhos vegetaes. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiriço e continental. Preguiçosos no mapa-mundi do Brasil.

Uma consciencia participante, uma rythmica religiosa.

Contra todos os importadores de consciencia enlatada. A existencia palpavel da vida. E a mentalidade pre-logica para o Sr. Levy Bruhl estudar.

Queremos a revolução Caraiba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas efficazes na direcção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro annunciada pela America. A idade de ouro. E todas as gerações.

Filiação. O contacto com o Brasil Caraiba. **Oú Villegaignon print terre.** Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Franceza ao Romantismo, á Revolução Bolchevista, á Revolução surrealista e ao barbaro technizado de Keyserling. Caminhamos.

Nunca fomos cathechisados. Vivemos atravez de um direito sonambolo. Fizemos Christo nascer na Bahia. Ou em Belem do Pará.

Mas nunca admittimos o nascimento da logica entre nós.

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro emprestimo, para gerar commissão. O rei analphabeto dizera-lhe: ponha isso no papel, mas sem muita lábia. Fez-se o emprestimo. Gravou-se o assumar brasileiro. Vieira deixou o diabeto em Portugal e nos trouxe a lábia.

O espirito recusa-se a conceber o espirito sem corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofagica. Para a equilibrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.

Só podemos attender ao mundo orecular.

Tinhamos a justiça codificação da vingança. A sciencia codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabú em totem.

Contra o mundo reversivel e as idéas objectivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dynamico. O individuo victima do systema. Fonte das injustiças classicas. Das injustiças romanticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instincto Caraiba.

Morte e vida das hypotheses. Da equação **eu parte do Kosmos ao axioma Kósmos** parte do eu. Subsistencia. Conhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetaes. Em communhão com o solo.

Nunca fomos cathechisados. Fizemos foi Carnaval. O indio vestido de senador do Imperio. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas operas de Alencar cheio de bons sentimentos portuguezes.

Já tinhamos o communismo. Já tinhamos a lingua surrealista. A edade de ouro.
Catiti Catiti
Imara Notá
Notá Imara
Ipejú

A magia e a vida. Tinhamos a relação e a distribuição dos bens physicos, dos bens moraes, dos bens digestivos. E sabiamos transpor o mysterio e a morte com o auxilio de algumas formas grammaticaes.

Perguntei a um homem o que era o Direito. Elle me respondeu que era a garantia do exercicio da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o.

Só não ha determinismo - onde ha mistério. Mas que temos nós com isso?

Continua na Pagina 7

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 8 - Capítulo 1: O conto da galinha na grande narrativa urbana

Antipop - Galinha
São Paulo, 2001
Imagens e texto por BijaRi

Qual a reação das pessoas a uma galinha solta em dois distintos ambientes urbanos, próximos geograficamente, mas muito diferentes socialmente? Nessa intervenção, uma galinha viva foi solta no Largo da Batata, reduto histórico de cultura nordestina frequentado pelas classes baixas que ali se encontram para consumir produtos e serviços regionais e utilizar o terminal de ônibus. Momentos depois a mesma galinha foi solta em frente ao Shopping Iguatemi, distante apenas 1 km e frequentado pelas classes mais abastadas da cidade.
Surpresa, afetividade, rejeição ou espanto foram algumas das reações e o registro em vídeo desta intervenção demonstra claramente como as tensões sociais urbanas estão presentes numa grande metrópole como São paulo.

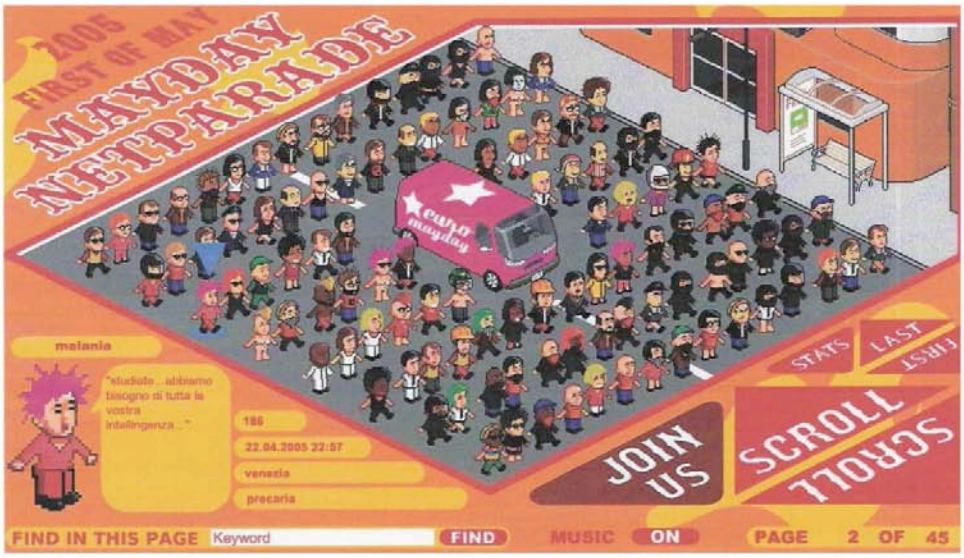
The Naked City
Ilustration de l'hypothèse des plaques tournantes en psychogéographique, por Guy Debord.

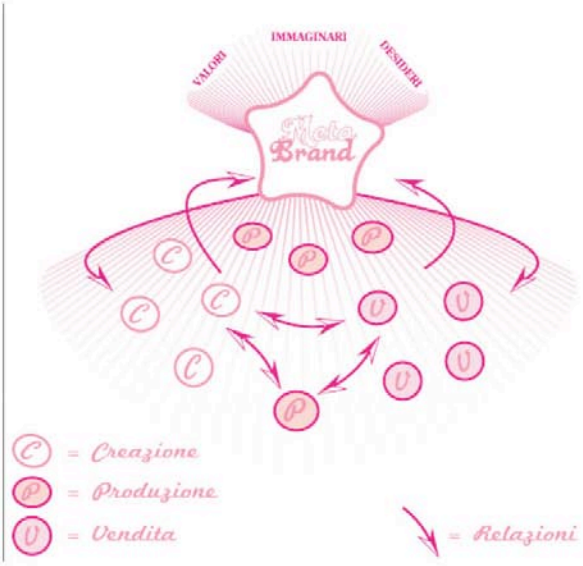
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 09 - Capítulo 2: EuroMayDay (São Precário e Serpica Naro)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 10 - Capítulo 2: EuroMayDay (São Precário e Serpica Naro)



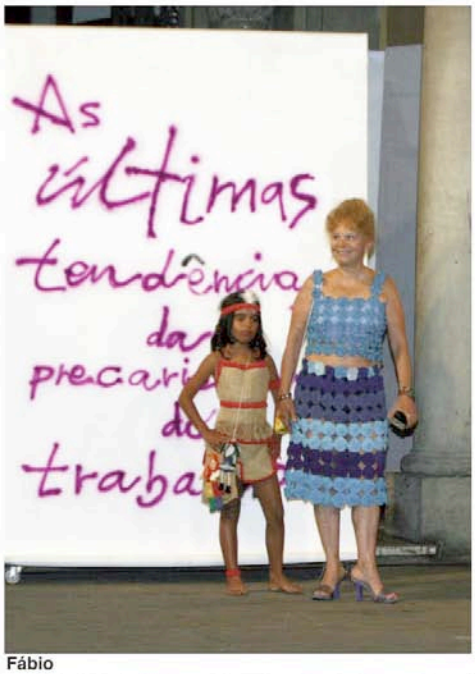


PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 11 - Capítulo 2: EuroMayDay (São Precário e Serpica Naro)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 12 - Capítulo 2: *Fashion Real*



Vaniusa

Jurema

Fábio

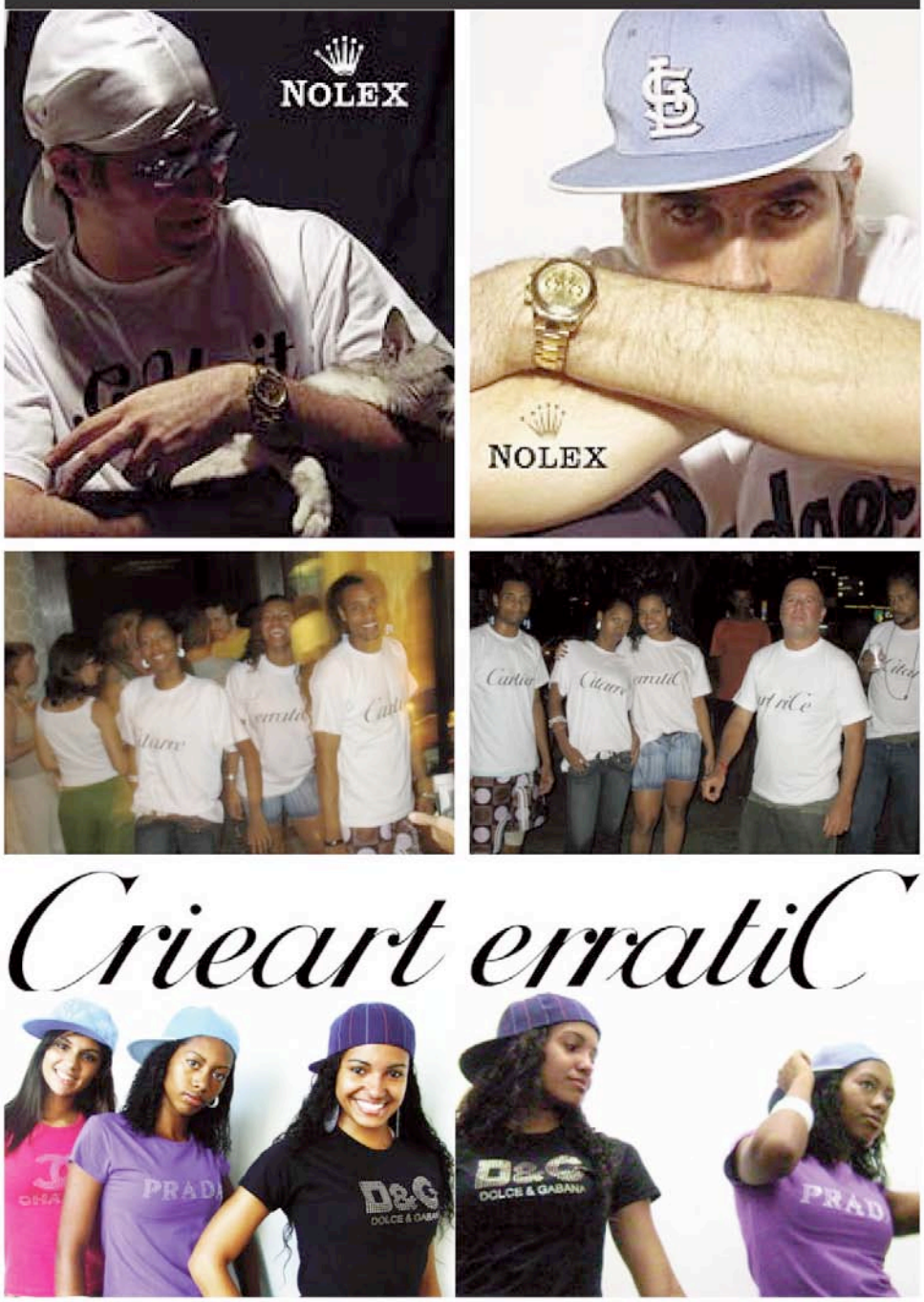
Maria

Roberto

Guilherme

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 13 - Capítulo 2: *Nolex*



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 14 - Capítulo 2: *Prestes Maia*

A Ocupação Prestes Maia "Zumbi somos nós", São Paulo, 2006.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 15 - Capítulo 2: *Prestes Maia*

Eletrocardiograma do Centro por Té e Nova Pasta
02/12/2005

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 16 - Capítulo 2: *Prestes Maia*

18/08/200, mais de 70 famílias na rua. Reintegração de posse da Ocupação Plínio Ramos - acampamento, 17 e 18/08 Cartaz "Gentrificado" por Esqueleto Coletivo? BijaRi? Fotos Mariana Cavalcante e Isaumir Nascimento

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 17 - Capítulo 2: *Prestes Maia*

por Comitê Natal na Rampa em 21/12/2005

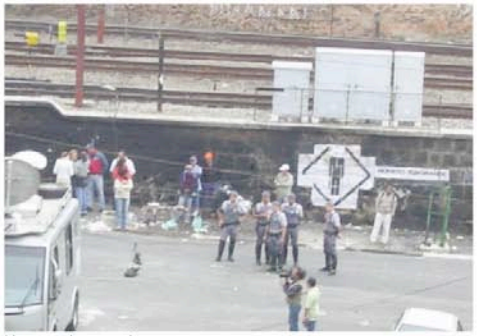
Cartazes Esqueleto Coletivo, sem menção do fotógrafo

Cartazes Esqueleto Coletivo / Foto Henrique Parr

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 18 - Capítulo 2: *Prestes Maia*

Fotos Mariana Cavalcanti



Homens Ignorando
Cartaz do Esqueleto Coletivo

18/07/2005 Concentração na Praça da Sé, em frente à Prefeitura.
Fotos Mariana Cavalcante e Antonio Brasiliano

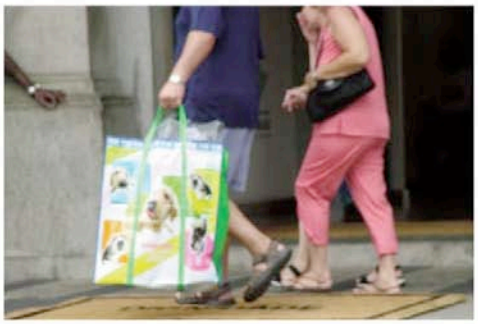
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 19 - Capítulo 2: Prestes Maia

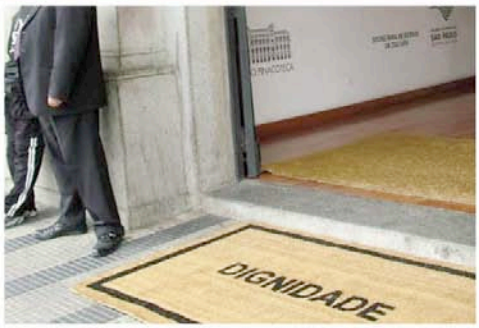
Cartaz Tiro ao Alvo. Autor?
Fotos Mariana Cavalcante

Cartaz Zona de Poesia Árida. Autor? Foto Anderson Barbosa

Cartaz Zona de Poesia Árida. Autor? Foto Antonio Brasiliano



Cartaz Zona de Poesia Árida. Autor? Foto BijaRi



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 20 - Capítulo 2: *Prestes Maia*

Abduzida na Ocupaçãö Prestes Maia / Fotos Mauro de Souza

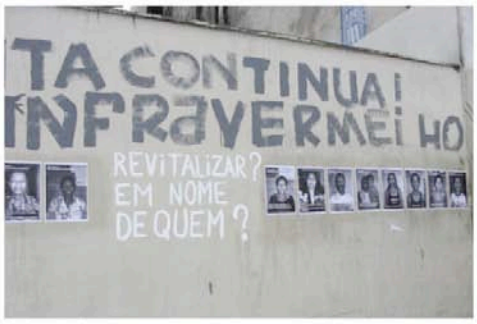
Abduzida no Despejo da Ocupação Paula Souza

Atirador de Elite: Sr. Orlando Almeida Filho, secretário municipal de habitação e presidente da Cohab-SP.

Coletivo Tranca-Rua

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 21 - Capítulo 2: Prestes Maia



Cartazes Sonhos. Esqueleto Coletivo
Fotos Rodrigo Barbosa

EM MANIFESTAÇÃO DA FLM – FRENTE DE LUTA POR MORADIA
2500 PESSOAS FORAM À PREFEITURA, EM JULHO DE 2005
RECLAMAR SEU DIREITO A MORADIA
E PEDIR UMA AUDIÊNCIA COM O PREFEITO JOSÉ SERRA
QUE RESPONDEU:
"ELES NÃO REPRESENTAM O POVO"

EM OUTUBRO DE 2005, O FÓRUM CENTRO VIVO
REALIZANDO O ESCRACHO AO SUB-PREFEITO DA SÉ, ANDREA MATARAZZO
EM SUA CASA NO BAIRRO DO MORUMBI
PROTESTAVA CONTRA OS ABUSOS AOS DIREITOS HUMANOS
PRATICADOS EM NOME DA "REVITALIZAÇÃO DO CENTRO"
RESPOSTA DO SUB-PREFEITO:
"ELES NÃO REPRESENTAM O POVO"

A UMM – UNIÃO DOS MOVIMENTOS POR MORADIA, EM NOVEMBRO DE 2005
AO LEVAR 3000 MANISFESTANTES AO PALÁCIO DO GOVERNO
PARA REIVINDICAR ATENDIMENTO HABITACIONAL
RECEBEU A SEGUINTE RESPOSTA DO GOVERNADOR
GERALDO ALCKMIN:
"ELES NÃO REPRESENTAM O POVO"

QUEM REPRESENTA O POVO?

Performance na Prefeitura de São Paulo, 16/11/2005
Quem Representa o Povo? Fotos Isaumir Nascimento

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 22 - Capítulo 2: *Prestes Maia* e movimento dos Sem Teto

Frente de luta por moradia no Fórum João Mendes 08/08/05
Fotos Mariana Cavalcante

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 23 - Capítulo 2: *Prestes Maia* e movimento dos Sem Teto

Frente de luta por moradia no Fórum João Mendes 08 / 08 / 2005 Fotos Mariana Cavalcante

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 24 - Capítulo 2: *Prestes Maia* e movimento dos Sem Teto

7 Dias da morte da Ocupação Plínio Ramos, Ato dos moradores da Plínio Ramos na CDHU em 24/08/2005
imagens de Mariana Cavalcante e Melina Anthis (checar)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 25 - Capítulo 2: *Prestes Maia* e movimento dos Sem Teto

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 26 - Capítulo 2: *Prestes Maia* e movimento dos Sem Teto

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

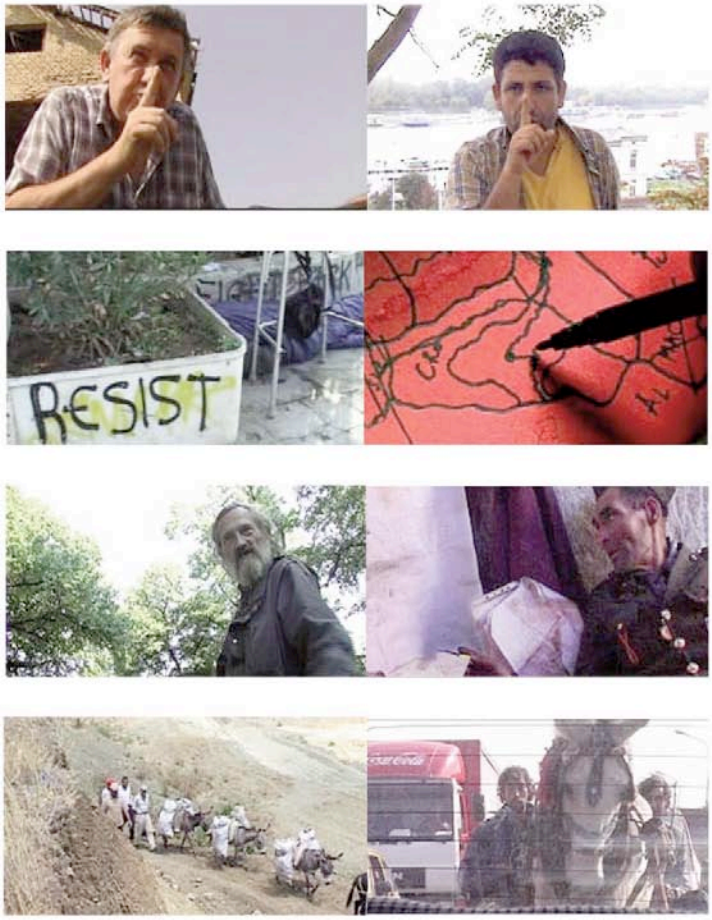
Anexo 27 - Capítulo 2: *Prestes Maia* e movimento dos Sem Teto

Nova Favela batizada de Prefeito José Serra. Enquanto o prédio em que moravam permanece lacrado, famílias da Ocupação Paula Souza acampam na Rua Mauá. Fotos Mariana Cavalcante

Acampamento Plínio Ramos, Projeção de vídeo do Centro de Mídia Independente e de fotos de Anderson Barbosa sobre a reintegração de posse da ocupação Plínio Ramos, imagens de Mariana Cavalcante.
Fim do acampamento da Plínio Ramos. Fotos de Isaumir Nascimento

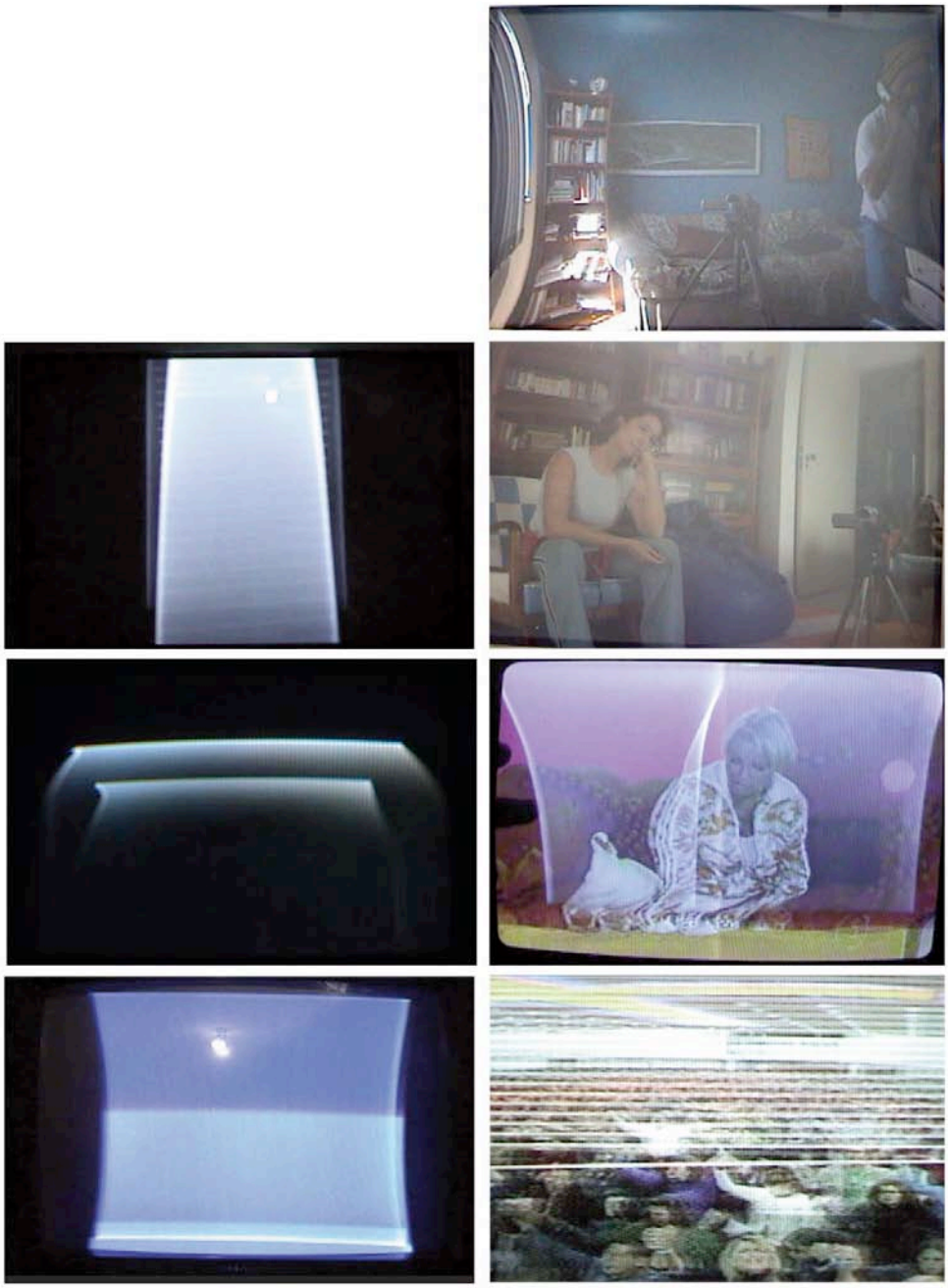
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 28 - Capítulo 3: *B-Zone / Timescapes / Corridor X*
(http://www.videophilosophy.de/tc-geographies.net/projects/melitopoulos/index.html)



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 29 - Capítulo 3: *Desligare* (http://newtongoto.wordpress.com/goto/)



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 30 - Capítulo 3: *Desligare* (http://newtongoto.wordpress.com/goto/)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

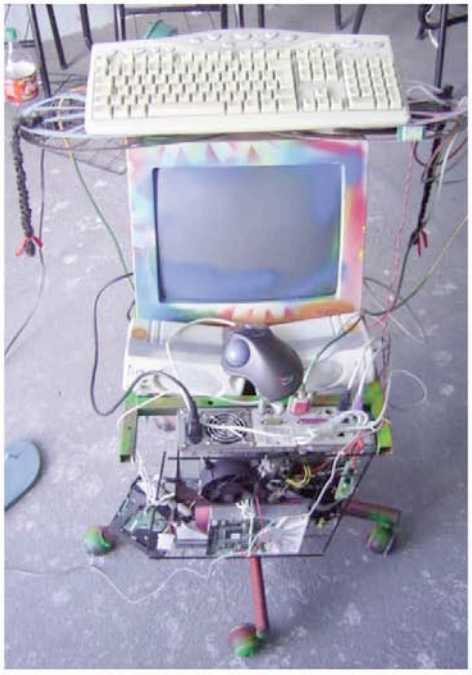
Anexo 31 - Capítulo 3: sobre gatos e gambiarras (www.bijari.com.br)

Cópia Livre - ação de inserção no circuito informal, **Coletivo BijaRi**.
A fim de difundir a discussão sobre cópia livre e experimentar o desprendimento de um produto autoral, realizamos a produção de um trabalho em 2 fases gerando 2 vídeos com tiragem inicial de 100 cópias para distribuição gratuita aos vendedores piratas e ao público interessado em geral. O conteúdo poderia ser reproduzido, distribuído e mesmo comercializado. O primeiro vídeo contém um depoimento conceitual sobre a cópia livre e uma compilação de animações subjetivas feitas em outro contexto, reeditadas sob a ótica do tema, com trilha sonora do grupo **Perda Total**. A ação de distribuição pelo centro foi registrada e incorporada à mídia anterior, gerando uma nova tiragem de cópias também distribuída gratuitamente em novas ações e no espaço expositivo.

Compro e vendo imagens, interferência urbana do **Coletivo BijaRi**:
Um camelô que vende imagens da exclusão ao invés de passes de ônibus e metrô; partindo desta ação, questiona-se para quem e com quais valores a cidade está sendo construída, quais imagens podem ser exibidas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 32 - Capítulo 3: *MimoSa* (http://turbulence.org/Works/mimoSa/blog/)



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

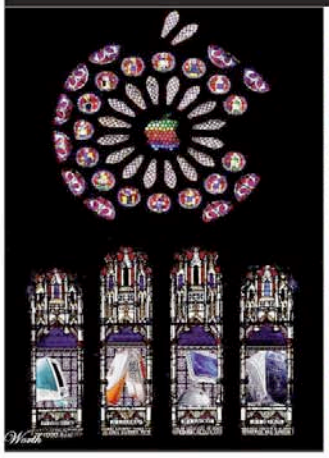
Anexo 33 - Capítulo 3: sobre gatos e gambiarras (www.worth1000.com)

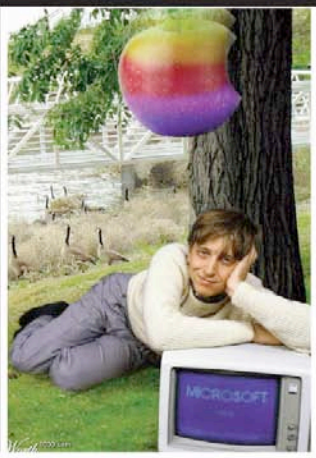
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

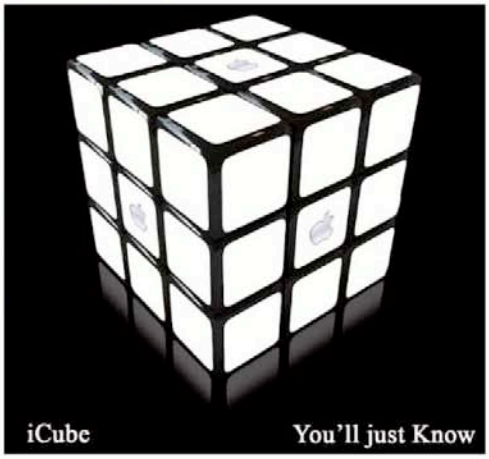
Anexo 34 - Capítulo 6: sobre gatos e gambiarras (www.worth1000.com) [PC *versus* MAC]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 35 - Capítulo 3: sobre gatos e gambiarras (www.worth1000.com) [MAC *versus* PC]







PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

Anexo 36 - Capítulo 3: *GLOBAL/Brasil* (www.revistaglobalbrasil.com.br)

galinha

Intervenção urbana do Coletivo BijaRi no Largo da Batata em São Paulo

Barbara Szaniecki

A Galinha/BijaRi traiu a forma panóptica da Cidade, enquanto *pólis*.

Assim como gramáticos e lingüistas estruturam línguas, arquitetos e urbanistas, freqüentemente constroem espaços que funcionam como uma norma ou sentido próprio. Desse limite traçado, emerge inevitavelmente a necessidade de resistir "praticando" a cidade numa multiplicidade de sentidos figurados irredutíveis a uma gramática. Uma sinédoque, por exemplo, consiste no uso de uma parte pelo todo. Mas evocar, através de uma galinha caipira, o cotidiano e a subjetividade rural que imigrantes de todas as regiões brasileiras carregam consigo ao tentar a sorte na cidade grande vai muito além da retórica. Ao se deparar com a grotesca metrópole paulistana, nossos anônimos forasteiros são conduzidos por uma estranha toponímia: Avenida das Nações Unidas, Avenida Brigadeiro Faria Lima, Largo da Batata.

Largo da Batata, da cenoura, da alface, do tomate – os hortigranjeiros vendidos outrora na Cooperativa Agrícola de Cotia e no Mercado Caipira inspiram, ainda hoje, as derivas do imaginário coletivo popular... Derivas que se confrontam com as novas hierarquizações dos espaços urbanos.

Condomínios fechados e *shopping centers* dotados de equipamentos eletrônicos sofisticados procuram se distanciar de bairros populares. Enquanto processos de desterritorialização mantêm as aglomerações brasileiras permanentemente conectadas com as metrópoles globais, processos de reterritorialização estabelecem, em bairros como o de Pinheiros em São Paulo, relações conflituosas entre territórios locais contíguos.

Sabemos que a expansão das redes comunicacionais tem papel significativo na desterritorialização global, mas também na reterritorialização regional: a imagem do mosaico (*patchwork*) – território organizado a partir de eixos produtivos que se propagam do centro para a periferia – é, aos poucos, substituída por aquela do arquipélago (*network*) cujas múltiplas redes de territórios constituem uma pluralidade de centros. O Largo da Batata – com sua confusa paisagem de comércio barato, vendedores ambulantes e terminais de ônibus – é um dos centros do monstruoso arquipélago paulistano onde interesses imobiliários, comerciais e culturais produzem um violento embate entre utópicos projetos de "revitalização", que procuram dar forma a uma Cidade Ideal, e novas práticas de cidadania.

galiforme artefacto de design,

A Galinha/BijaRi transgrediu os limites impostos ao exercício da cidadania.

Exclusão e fragmentação por um lado, aberturas virtuais e liberdades produtivas por outro: esse é o desafio da metrópole caracterizada pela hegemonia do trabalho imaterial, formal ou informal, assalariado pelo mercado, subvencionado pelo Estado ou produzido pela cooperação da multidão. Paradoxalmente, a multidão contemporânea não apenas padece, mas certamente desfruta de uma flexibilidade que lhe fornece um outro horizonte de crítica e intervenção. O Coletivo de arquitetos e artistas BijaRi, entre serviços formais prestados a grandes corporações e ações efêmeras sócio-espaciais, é produto e produtor de novas reconfigurações urbanas pós-modernas. Com efeito, a flexibilidade do trabalho abre um horizonte de luta em territórios. Que configurações produz o BijaRi?

Intervenção galináceo

Uma esperta galinha ruiva foi solta em pleno Largo da Batata. Embora correndo o risco de virar canja, foi acolhida, fotografada e abraçada calorosamente como uma prima querida recém-chegada da roça. A mesma galinha, solta dessa vez na entrada de um chique *shopping center* da Brigadeiro Faria Lima, foi violentamente expulsa por agentes de segurança. Afinal de contas, a Galinha não pertence àquele lugar onde poderia ser aceita unicamente sob a forma de galinha-bibelô em porcelana nobre, de elegante *tailleur* em *pied-de-poule* ou ainda de sofisticado *coq au vin*. Não é lícito que ela traga para dentro do atemporal santuário de consumo a trivialidade do dia-a-dia consumido como uma gordurosa coxinha na padaria da esquina ou a banalidade da existência de galinhas caipiras, de galinhas codornas, de galinhas d'Angola, de todas as galinhas que acompanharam imigrantes dos quatro cantos do país e que ali, no Largo da Batata, voltaram a se cruzar.

O templo pretensiosamente etéreo, caracterizado por suas aparentemente intransponíveis fronteiras de brilhantes vitrines e espetaculosas publicidades, é "trabalhado" por uma narrativa galináceo que o transforma momentaneamente em um acessível espaço caseiro. No plano mais geral da cidade, ao ordenamento geográfico imposto pelos poderes públicos como sentido próprio da Cidade, se contrapõe uma infinidade de feituras de espaços configuradas por singelas narrativas do cotidiano. **Narrativas de galinhas**.

Ao transgredir o limite do *shopping*, a Galinha/BijaRi desenhou uma ponte entre lugares legitimamente constituídos e espaços que lhes são estranhos, apontando desse modo a contradição dinâmica entre cada demarcação da Cidade e sua possibilidade de transposição. Apontou sobretudo, através das interações reais ou imaginárias dos personagens envolvidos na trama – do transgressor e do segurança, do lojista de *shopping* e do ambulante de rua, do paulistano e do imigrante –, a possibilidade de transfiguração do mais humilde dos imigrantes no mais nobre Cidadão paulistano.

Ao transgredir o limite do *shopping*, a Galinha/BijaRi construiu uma ponte virtual (no sentido que encerra inúmeras e indeterminadas possibilidades), que transpõe barreiras, concretas e simbólicas, entre o *shopping center* e o Largo da Batata, entre o medo e a esperança no pós-moderno arquipélago paulistano. Uma ponte que não pertence efetivamente a ninguém, pois se mantém na sua ambígua lógica de travessia, de transgressão no sentido de atravessamento da forma do lugar definitivamente construído ou do indivíduo imutavelmente constituído.

Na metrópole desfigurada por processos de desterritorialização e reterritorialização contemporâneos, a intenção do Coletivo BijaRi foi aquela de provocar, através de um galiforme artefato de design, de um efêmero projétil de arquitetura, de um errante dispositivo de urbanismo, um questionamento sobre como efetivar uma revitalização que não elimine as diversas formas de vida no espaço urbano. Nesse sentido, a intervenção BijaRiana não apenas aponta o problema – demarcações arbitrárias e excludentes – mas provoca o contato (e, por que não, o conflito?) entre idealizadores e "praticantes", entre projetos e processos, entre representação e intervenção, entre uma morfologia idealizada (traçada por urbanistas, arquitetos e designers) e as experiências concretas, objetivas e subjetivas, da multidão.

Enquanto os Homens permanecem em seu babélico embate, a intrépida galinha prossegue seu êxodo totalmente desprendido de Terra Prometida, carregando consigo apenas a indelével experiência do "Outro", de todos os outros que se cruzam na conturbada vida metropolitana.

efêmero projétil de arquitetura, errante dispositivo de urbanismo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

"O camelô não vai sair da rua"

Entrevista a Maria dos camelôs, militante do Movimento Unificado dos Camelôs – MUCA.

Alexandre Mendes
André Barros
Barbara Szaniecki

Global - Como teve início o Movimento Unificado dos Camelôs (MUCA)? Para atender a que desafios?

Maria - Sempre quando fale do movimento dos camelôs, gosto de voltar lá atrás, quando a gente resolveu se organizar na rua. Eu tenho um filho de três anos e lembro que quinze dias após ter esse bebê, depois de ter feito uma cesariana, eu estava na rua e os guardas vieram correndo na minha direção. Eu desci a Rua da Quitanda correndo, mas não agüentei mais correr, minha barriga começou a doer, e parei na Rua do Ouvidor. Quando achei que eles tinham passado, eles vieram me bater e me bateram muito, tive que voltar para o hospital e fiquei mais quinze dias internada na Praça XV porque minha cesariana tinha arrebentado toda. Aí voltei, reuni uns camelôs na rua e buscamos o PT. Quando chegamos, conversaram com a gente e ligaram para a CUT, que convidou a gente pra cá. Daí, no dia primeiro de julho, nós fizemos o primeiro ato que reuniu bastante gente.

Global - Todas as ações contra os camelôs envolvem formas de violência?

Maria - Sempre. Antes conseguíamos trabalhar na rua... pagando... Depois da organização do movimento, começaram a pegar a mercadoria da gente, aí começamos a perder tudo. A guarda municipal entra na rua batendo. Sempre foi muito violenta. Hoje sou muito visada, tenho até que botar alguém para trabalhar pra mim. Sempre que vou pra rua apanho. De repente tomei uma paulada nas costas e me machuquei. Bateram em muita gente. Fui, então, para o hospital e para a delegacia fazer o corpo de delito.

Global - O município argumenta que os direitos sociais não se aplicam aos trabalhadores informais, e que o trabalho informal até prejudicaria os trabalhadores formais. Qual é o papel do movimento na universalização desses direitos a todos os trabalhadores?

Maria - O que a gente escuta é que o camelô vende mercadoria pirata, que não paga imposto, etc. O que acontece é que a gente paga sim! Quando eu compro minha mercadoria no Saara, eu pago imposto. Eu faço compra no mercado e pago imposto. O que a querem mesmo é espancar o pobre, que não deve trabalhar na rua... Deviam ter vergonha na cara de chamar o camelô de bandido...

Global - Quais são as principais reivindicações do movimento e como elas podem ser conquistadas?

Maria - O que pode ser conquistado com o atual prefeito é nada! Ele nem recebe a gente, chama a gente de baderneiro. Existe uma lei que diz que numa calçada que tenha mais de três metros pode ter uma barraquinha. Mas essa lei não está sendo cumprida. Aliás, tem um monte de lei que está sendo descumprida. Vamos trabalhar em cima disso, estamos preparados para a briga, só não vamos abaixar a cabeça e vamos trabalhar de qualquer maneira!

Global - É verdade que a prefeitura tem o apoio dos comerciantes?

Maria - Parece que tem mas, quando apertamos mesmo a cidade e ninguém trabalha, os guardas somem rapidinho. Várias vezes quando as lojas fechavam os guardas sumiam rapidinho e todo mundo voltava a trabalhar. Tem lugar, em que os comerciantes queriam que a gente voltasse porque a gente chama gente. Os camelôs incentivam as vendas.

Global - Frequentemente os trabalhadores informais são acusados de promoverem a desordem urbana e atrapalharem o turismo. Qual a importância da ocupação do espaço público pelos trabalhadores na produção de renda para esses trabalhadores e na socialização dos direitos: renda, cultura, propriedade, direitos sociais, etc?

Maria - Eu não trabalho com pirataria, mas acho que é a mesma coisa da bijuteria que eu faço. Você vai na loja e acha a mesma bijuteria que eu faço por R$29,90 e vendo por R$5,00. É a mesma coisa com a pirataria. O cara compra uma mídia, grava e vende por R$5,00. Por que a loja não vende por esse preço? Quando o cara vende um cd por R$39,00, ele está dizendo: você não tem direito a cultura! Eu só vou ouvir aquela música quando ninguém mais quiser e ela estiver mais barata. Trabalhei muito em Ipanema. A população de lá tem grana e fica esperando os camelôs chegarem. E aí, compra relógio, compra dvd, compra cd, compra bolsa da Louis Vuitton. Só sei que o preço do cd e do dvd tem que baixar! Você não tem condição de comprar um filme por R$60,00! Já o camelô vende por R$10,00! Ilegal é passar fome, é colocar filha pra vender balinha no sinal!

Global: Vocês travam efetivamente uma luta importante na medida em que alimentam uma série de outros movimentos, por exemplo, o do acesso à cultura, o de outras formas de renda e de cidadania. Embora muitos se beneficiem, vocês são muito estigmatizados. Como reverter a imagem negativa do camelô em termos midiáticos, por exemplo?

Maria - Eu lembro de uma vez que estávamos na rua, saiu uma briga e a televisão estava filmando. No dia seguinte estava no jornal: "Guarda Municipal estava parada e camelôs tacam pedra". Estava todo mundo parado e os guardas entraram batendo em todo mundo. A televisão é assim, cansei de dar várias entrevistas no jornal e no dia seguinte mudavam tudo! Ficava com muita raiva! É muito difícil, a mídia bate muito na gente, muito mesmo! Tudo que a gente fala é distorcido, eu não dou mais entrevista de jeito nenhum! Com a repressão, o camelô não tem opção de trabalho... Tenho pena de ver pessoas que têm cabeça fraca, estão trabalhando, apanham e vão para o morro. O que podem fazer? Eles têm que comer e têm que morar... Aí vão para o morro e acabam morrendo!

Global: Como é a relação entre camelôs e ocupações urbanas? Na ocupação tem camelô, tem catador de papel, ou seja, tem sujeitos que reivindicam o direito de viver na cidade, o direito a uma outra inserção produtiva na cidade.

Maria - Pra mim a ocupação foi tudo! Eu morava em Japeri, gastava duas horas de trem, uma hora e vinte de van, gastava dinheiro com a passagem, pegava engarrafamento e tinha dia que eu não conseguia nada! O tempo que eu ficava na condução me distanciava de meus filhos. Eu gosto muito da ocupação e 98% das pessoas que moram lá são camelôs. O resto é velho aposentado. É muito bom porque podemos nos reunir e conversar sobre os camelôs. Estamos agora reunindo também os moradores de rua.

Global - Tem gente que acha que o trabalhador informal quer ser um trabalhar formal. Isso é verdade? Como seria o trabalho dos sonhos?

Maria - Acho difícil o trabalhador informar querer ser formal. Tem gente que é camelô mesmo e tem gente que é desempregado. O camelô não quer outro emprego não. Quer ser legalizado e ficar ali. Gosto do que faço, gosto de vender bijuteria, e não é nem em barraca não! Ficou ruim, gosto de mudar de lugar. Ter patrão, ter horário, Deus me livre! Só quero trabalhar sem ter que correr. Estou numa situação crítica, não posso mais ficar na rua, sempre perco tudo. Todas as vezes que vou pra rua, levo um prejuízo! Mas é a maneira que encontrei de viver melhor e dar comida para os meus filhos. Quando eu trabalhava de carteira assinada, ganhava um salário mínimo. Sem condições. Tinha que pagar aluguel e alguém para tomar conta do meu filho, que era muito pequeno, e sobrava o quê? Não sobrava para a comida! Hoje não! Hoje eu pago a babá, o aluguel, meus filhos levam dinheiro para o colégio, etc. Com carteira-assinada não tinha nada disso. Era aquilo e acabou. O camelô não vai sair da rua, vai apanhar e ficar ali.

Global - Isso desconstrói aquele discurso, típico de políticos, de que o pobre quer emprego, quer carteira assinada. Na verdade ele quer renda e autonomia, não é?

Maria - Com certeza! O importante é isso! Eu não quero emprego! Mas quero trabalhar!

Global - E as universidades? Procuram vocês?

Maria - Sim. Eles fazem muitas pesquisas. Nós conversamos com todo mundo. Por exemplo, projetos para mudar o prédio na ocupação, etc. Mas até agora só vimos projetos. (risos)

Global - E o papel da RENAP – a rede nacional de advogados populares?

Maria - muito importante. Se não fosse a RENAP tava todo mundo preso. (risos)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

VIVER JUNTOS?

CONVIVÊNCIAS E CONFLITOS CONTEMPORÂNEOS

Barbara Szaniecki

A proposta de introduzir numa Bienal o instante fugaz em que a potência política se alia ao gesto estético é de uma pretensão à altura da incompreensão da natureza desses fenômenos acontecimentais. Quais são os dispositivos teóricos e práticos que permitem apreender o evento estético-político? Como abrir espaço e tempo para a criação estético-política? Como transformar a instituição de espetáculo em um terreno de experimentação? Em outros termos, como deixar acontecer? Não seria justo afirmar que na última Bienal o imprevisível não deu as caras. Pois ele aconteceu sim, na relação de força entre os artistas convidados e a instituição: a censura aos bloqueadores de celulares de Marcelo Cidade, ao projeto do mexicano Hector Zamora, e ao Guerana Power do Superflex foi o melhor que a Bienal produziu. O embate político liberou a criação artística.

No entanto, a incapacidade de perceber a possibilidade aberta no conflito que se instaurava levou a curadoria a uma posição equivocada. Refugiou-se atrás do presidente da instituição que, preocupado com os constrangimentos que toda censura acarreta, disse que a instituição "não é o palco adequado para discutir relações de caráter comercial" (UOL 04/10/2006). Ora, instituições como Bienais não estão no epicentro das relações comerciais – materiais e imaterias – que permeiam o campo da Arte, dos artistas e dos discursos que os legitimam? Por que em vez de travestir a instituição em palco de falsa convivência – num viver juntos – não assumi-la como palco dos necessários conflitos que podem provocar o acontecimento criador?

O evento Foucault e Negri ou como juntar força conceitual com militância política

Após duas décadas de sonolência, o ativismo social encontrou novo fôlego num ciclo de lutas globais: manifestações contra o G8, a OMC, o FMI e, desde 2003, contra a invasão do Iraque. Desde Seattle em 1999, houve um renascimento dessas lutas inspiradas em maio de 68, período no qual os jovens da Europa e dos Estados Unidos iniciaram um processo que contagiou o mundo. Infelizmente, na nossa América Latina, frente à irrupção de potência daqueles anos, os poderes constituídos efetuaram o golpe que inaugurou o ciclo mais terrível de nossa história recente. Terrível, mas resistente: Oiticica parangoleia, Clark experimenta, gerando uma anti-Arte. Retornando à Europa: naqueles anos de "imaginação no poder", contrariando intelectuais que, nas clausuras das academias, preocupavam-se com universais que não davam conta da ebulição social, Foucault, na França, e Negri, na Itália, conjugaram em suas mentes e em seus corpos fertilidade intelectual com ativismo político. Militantes de todas as classes sociais alimentaram suas práticas com as inovações teóricas desses autores.

Algumas dessas práticas tinham efetivamente grande força estética, apesar da inexistência de pretensão Artística. Participar da liturgia dos museus não fazia parte de suas preocupações. Entre as manifestações iconográficas daquele momento, destaco as cartazes do *Atelier Populaire* de Paris: em maio de 68, estudantes e operários realizaram inúmeros cartazes de grande impacto visual. Em sua luta contra as instituições do poder e do saber, certamente não cogitavam outro lugar de exposição que não fosse a rua. Não se tratava de uma "anti-arte", mas de uma tática ambígua de um "nem Arte, nem Anti-arte". Uma produção inclassificável porque sempre em movimento: nômade. Inclassificável porque sempre heterogênea: monstruosa. Deleuze e Guattari também contribuíram dando a esses expressivos militantes o vigor teórico de que precisavam; eles retribuíram, dando a força estética que esses autores desejavam. Estetização da política (não aquela promovida pelo fascismo e denunciada por Benjamim, mas uma estética produzida por muitos e reproduzível para muitos) e politização da arte avançaram juntos em 68.

Foucault morreu em 1984, mas sua "artilharia" teórica – forjada nas suas lutas públicas e privadas – continua disponível a todos que pretendem compreender os mecanismos de poder e resistência nos discursos. Negri reconhece a influência de Foucault que deve ser incluído entre os autores que traçam a linha "maldita" de seu pensamento, pensamento que é hoje referência para os movimentos globais e locais, sejam eles artísticos ou não. Em última instância, são esses movimentos (e não os vassalos das instituições) que poderão confirmar se essa artilharia teórica é potente ou não.

Nem Foucault e nem Negri debruçaram-se demoradamente sobre a Arte. Contudo, sua teoria e sua prática política prestam-se à análise da constituição desse campo específico. O simples dizer "o que é" e "o que não é Arte" é disciplinamento e controle do espaço e do tempo dessa curiosa forma de conhecimento. Seleção da área e do momento de exposição, seleção dos artistas, das obras e de seus suportes e, finalmente, seleção dos discursos que legitimam a todos. Como evitar uma construção autoritária? Como evitar, por exemplo, a delimitação eugênica de um campo que reduz a jargão toda teoria julgada inconveniente pela crítica arrogante? É evidente que o problema não pertence unicamente às Artes. Ocorre também no Design. Pois a constituição de todo campo se dá através do exercício dos podres poderes constituídos, cuja característica fundamental é a redução da multiplicidade de discursos a um só discurso legitimado. É possível escapar a esse estéril exercício? Manter o campo aberto à relação com outros campos é um começo. Manter o campo aberto à relação com outros movimentos sociais, artísticos ou não, é uma boa continuação. Em todas e entre todas essas situações, a pluralidade de experimentações preparou o terreno para o possível acontecimento do novo: novos saberes, novos discursos, novas imagens, novos olhares.

Estética da multidão

Em *Estética da Multidão*, analisei processos que, por serem muitos, são avessos a toda forma de classificação e que, por estarem sempre em mutação, são avessos a toda forma de captura. O avesso do avesso do avesso do avesso: subversões, inversões, carnavalizações e semiofagizações propostas pelas lutas sociais globais no império contemporâneo. Mimetizando seus movimentos, transitei da teoria política às práticas estéticas experimentando, para além das aparências acadêmicas, um tateamento desprentensioso dos terrenos estético e político que me permitiu evitar as certezas totalitárias de cada campo específico. Ao final do livro, baseando-me em *Poder Constituinte* de Negri (ou seja, a partir de um "fora" do campo constituído das Artes), abordei a subversão de um espetáculo midiático (a legitimação da guerra do Iraque pelas imagens católicas da queda da estátua de Saddam em Bagdá) em evento multitudinário (a crítica da guerra através do irreverente tombamento de uma falsa estátua de Bush em Londres). Do ritual ao inesperado: procurei o léxico adequado para dizer o que até então era indizível ou mal-dito.

Nem "Arte social engajada", nem "Arte-ativismo" e nem "práticas Artísticas colaborativas" satisfaziam, na medida em que "aquilo", para mim, não era necessariamente Arte, nem necessariamente anti-Arte. Simplesmente essa questão não me interessava. O até então indizível foi designado como o ansiado acoplamento entre uma expressão estética e uma potência política, como o imprevisível encontro da estetização da política (mais uma vez, não se trata daquela que angustiava Benjamin, ou seja, de uma fonte única, totalitária e manipuladora de massas) com a politização da arte: uma estética de potência para além da representação do poder, uma estética da multidão.

Ora, essa estética constituinte, por ser um excesso sempre em mutação – um monstro, no maravilhoso vocabulário negriano – felizmente não "cabe" num livro. E ainda menos numa Bienal, pois o problema da última edição em São Paulo não foi certamente a quantidade de espaço disponível, mas a falta de qualidade na relação entre teoria praticável e prática teorizável. Falta da compreensão de que coletivos de Artistas são eventualmente cooptáveis e cooptados, mas seus monstruosos processos de cooperação e o comum que deles resulta resistem vivamente na *polis* real e virtual. Essa monstro é a própria vida que não "cabe" nem mesmo dentro de um enorme pavilhão, orientado por duas interessantes linhas oiticianas e sob um título espetacularmente sedutor. O projeto é louvavelmente ambicioso, os recursos são poderosos, no entanto o evento vital escapa por todos os lados pois não é possível reduzir as práticas sociais dos muitos para muitos a uma Arte de poucos para poucos. A vida resiste nos conflitos políticos dos quais procurei apreender as livres expressões estéticas nas ruas das cidades e nas páginas da internet. Nesses espaços comuns, a questão que se coloca à multidão contemporânea não é um "como viver juntos", mas um "como lutar juntos". Para conseguir abordá-la, só assumindo abertamente o conflito (em vez de camuflá-lo numa hipócrita convivência.

Tridente, de **Alexandre Vogler**. Foto de **João Laet**.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

O PREFEITO E O PRESIDENTE NA TERRA DO SOL

Barbara Szaniecki

Para Fabiane Borges e Maria dos Camelôs

Desde o anúncio de que os Jogos Pan-Americanos aconteceriam no Rio de Janeiro, o Prefeito se apoderou desse acontecimento esportivo que, historicamente falando, sempre servia ao governo dos povos. Aos poucos, toda uma poderosa simbologia foi sendo desenvolvida: escolha de uma logomarca oficial do Pan, votação para o nome do mascote (foi escolhido Cauê, uma saudação tupi que provavelmente não rendeu dinheiro algum para índios), instalação, na ensolarada praia de Copacabana, de relógio para contagem regressiva e, finalmente, apresentação dos "patrocinadores oficiais" como a cerveja Sol, aquela que tem o sol como marca, entre outros. O sol nasce para todos, mas a construção do Sol do Pan foi apenas o início de um longo processo de expropriação do comum que culminou numa vaia orquestrada contra o Presidente Lula.

O campo da imagem é literalmente revelador desse processo de expropriação. Com base nas experiências fascistas e nazistas, é comum associar imagem a manipulação. É possível, no caso de eventos de massa como os jogos esportivos, produzir imagens que não sejam apenas brilhantes representações do poder? De soberano, do lucro ou da própria mídia? Em nenhum momento desse processo de expropriação, pensamos em como retomar a posse simbólica desses jogos. Não construímos nossos discursos, não produzimos nossas imagens.

1º TAKE: SOMOS TODOS PATROCINADORES OFICIAIS OU SOMOS TODOS PIRATAS DO PAN?

Durante todo o período do evento esportivo, os jornais produziram cadernos especiais com o logo do Pan e, claro, todas as notícias sobre o Pan. Nesses cadernos circularam todas as caríssimas publicidades de todos os "patrocinadores oficiais" do Pan: além da cerveja Sol, Sadia, Olympikus, Petrobrás, Oi e Caixa. Difícil entender como é possível praticar esportes depois de ingerir salsicha com cerveja, mas deixemos pra lá... Pergunto: onde é que **nós** estamos no retrato? Afinal, na medida em que foi investida oficialmente verba pública, somos ou não somos todos "patrocinadores oficiais" do Pan?

Manchetes acusam a "venda ilegal de produtos sem licenciamento do CO-Rio" entendida como "competição por baixo dos panos", e são ilustradas por fotos de ambulantes de Ipanema, de Copacabana e do Centro, todas elas com os tais produtos. Acabamos de tomar conhecimento do discurso do "sem licenciamento" que, como sabemos, vem acompanhado de violência contra camelô. Proponho darmos uma olhada no discurso do "com licenciamento". Nos cadernos dedicados aos jogos, foram publicados anúncios coloridos com os "Produtos Oficiais dos Jogos Pan-americanos": camisetas, blusas, boné, canecas, garrafas térmicas, mochilas, bolsas e bicicletas com a logomarca do Pan e com o tal do Cauê. Assina a publicidade o "licenciador oficial". Ora, todos nós – patrocina-dores oficiais do Pan – temos que entender a lógica que, ao eleger um "licenciador oficial", nos torna a todos automaticamente "piratas oficiais" de imagens do Pan. Temos de entender a lógica do conflito que opõe "bolsos oficiais" e "bolsos piratas", acirrado pelo fato dos "bolsos oficiais" frequentemente condenarem o Bolsa Família!

O CO-RIO coloca-se como detentor de todos os direitos referentes às marcas do Pan, na medida em que parte da verba que financia os jogos provém da exploração comercial das marcas pelos patrocinadores oficiais e pelos governos federal, estadual e municipal. Na realidade, nós – os "bolsos não-oficiais" – patrocinamos duas vezes: ao pagar os impostos com os quais é organizada a fabricação de imagens oficiais dos jogos que, em seguida, nos são vendidas sob a forma de bugigangas para financiar os mesmos jogos. Observemos que há uma lógica cristalina que, por mais cristalina que seja, não a torna necessariamente democrática. As imagens relacionadas a eventos públicos de tal porte não podem ficar atreladas a uma só agência de publicidade e/ou licenciador oficial, por mais transparente que tenha sido o processo de seleção dos produtos e dos produtores – e sabemos que nem sempre é o caso. Há de se criar processos radicalmente democráticos de produção e circulação de imagens de interesse comum.

COMO RESTITUIR AO COMUM A PRODUÇÃO E A CIRCULAÇÃO DAS IMAGENS DE EVENTOS PÚBLICOS?

2º TAKE: UMA EKONOMYA EM TRANZE PARA UMA EZTÉTYKA DE MONSTROS

Paralelamente à denúncia contra a "pirataria" dos produtos oficiais do Pan, jornais noticiaram o surgimento de um Cauê armado com fuzil. Pichações nos muros do Maracanã foram imediatamente associadas a faixas de protesto produzidas por movimentos sociais. O "Cauê armado" faz apologia do crime ou denuncia a violenta política de repressão à população pobre? Tal como um Antonio das Mortes, armada até os dentes com o discurso da "apologia do crime", a Mídia Toda-Poderosa aproveitou o incidente para perseguir ainda mais os movimentos sociais, além de criminalizar a população pobre em geral.

É possível que o "Cauê armado" não seja uma boa imagem para protestar contra as formas como o Pan foi organizado desde o início. Outros sóis são possíveis? *Sol Poente* de Tansila, *Deus e o Diabo na Terra do Sol* de Glauber, jornal O Sol, *Luz do Sol* de Caetano... são tantas as nossas referências esclaradas – nas Artes e nas Letras, no cinema e na música, além do cotidiano... – que certamente, através dessa radiante diversidade, podemos evitar a redução do evento dos muitos em espetáculo para poucos. Mas há de se ir além...

Artesãos, artistas e dizáiners, entre outros produtores, deveriam não apenas poder criar, mas também fazer circular suas imagens sem serem (de)tidos como uma multidão de Coriscos, ou 'Diabos Louros'. Uma produção diversificada em termos de suportes, técnicas e visões de mundo à imagem de um público igualmente heterogêneo e beneficiando-se de uma monstruosa circulação. Não poderia o Divino Prefeito de São Sebastião do Rio de Janeiro, através de seu transcendente *laptop*, incentivar redes de artistas e ambulantes que, com a comercialização de imagens, não apenas tivessem um ganha-pão, mas enriquecessem verdadeiramente a iconografia da nossa cidade, dos apolíneos rituais esportivos ao mais dionisíaco dos eventos? O camelô Manuel acredita que sim. Hummm... desconfia Rosa, sua mulher: "vambora, Manuel, vamos continuar na nossa fuga! na nossa luta!"

EPÍLOGO:

O Filósofo Giorgio Agamben, profeta apocalíptico do Estado de Exceção, faz referência a uma *oikonomia* enquanto conjunto de dispositivos cujo objetivo é governar os homens. E afirma que, se consagrar significa a saída das coisas da esfera do comum para uma esfera separada através da religião (ou da política, com suas liturgias de representação, acrescento eu), profanar significa restituir o que é sagrado à propriedade e ao uso dos homens. Os dispositivos da economia na qual vivemos – dentre os quais a imagem, das liturgias televisivas às logomarcas institucionais, é um dos mais poderosos – seriam dificilmente profanáveis. Agamben não conhece a potência de Eldorado. Cabe à multidão dessa Terra do Sol restituir os dispositivos ao uso comum numa Ekonomya em Tranze, ainda sob o efeito das convulsões da fábrica fordista e de seus dispositivos disciplinares, mas de cujo ventre abrem-se novas possibilidades de produção e circulação para ícones profanas,

DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL

O vaqueiro Manuel se revolta contra a exploração de que é vítima por parte do coronel Morais e mata-o durante uma briga. Foge com a esposa Rosa da perseguição dos jagunços e acaba se integrando aos seguidores do beato Sebastião, no lugar sagrado de Monte Santo, que promete a prosperidade e o fim dos sofrimentos através do retorno a um catolicismo místico e ritual. Ao presenciar o sacrifício de uma criança, Rosa mata o beato. Ao mesmo tempo, o matador de aluguel Antônio das Mortes, a serviço dos coronéis latifundiários e da Igreja Católica, extermina os seguidores do beato. Em nova fuga, Manoel e Rosa se juntam a Corisco, o diabo loiro, companheiro de Lampião que sobreviveu ao massacre do bando. Antônio das Mortes persegue de forma implacável e termina por matar e degolar Corisco, seguindo-se nova fuga de Manoel e Rosa, desta vez em direção ao mar.
www.tempoglauber.com.br

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610643/CB

A GLOBAL é

Barbara Szaniecki e Gerardo Silva

Festejamos a premiação da GLOBAL/Brasil como Ponto de Mídia junto com outras 78 iniciativas de comunicação independente por todo o Brasil. Gostaríamos de propor uma reflexão sobre essa importante política do **Ministério da Cultura** enfatizando dois aspectos: a necessidade de estendê-la ao **Ministério das Comunicações** (em complementação, e não em competição, com a sua implementação pelo MinC); e sua contribuição ao domínio do comum (tema do **Fórum Livre do Direito Autoral** de 2008).

Lançada pela **Rede Universidade Nômade**, a proposta de Pontos de Mídia Livre ganhou peso no **Fórum de Mídia Livre** realizado na ECO/UFRJ em junho, porque ela atendia, a nosso ver, os cinco grupos de trabalho: democratização das verbas públicas de publicidade; atualização de políticas públicas de comunicação; articulação dos fazedores de mídia livre; formação para uma mídia livre; desenvolvimento de mídias ou plataformas colaborativas (versus portal centralizador). O Ponto de Mídia contempla (sem exaurir) todas essas questões, daí o sucesso que representa a sua implementação pelo MinC. A partir de nossa pequena experiência, apresentaremos como os Pontos de Mídia podem realizar um "destravamento" da situação da Comunicação no Brasil de hoje.

Radicalização da representação, da gestão e da produção

O Ministério das Comunicações tradicionalmente confere aos meios de comunicação um papel centralizador a serviço da "integração nacional", isto é, de uma suposta ordem e progresso da Nação, cujo autoritarismo orienta o campo da comunicação ainda hoje. Pois, embora o discurso oficial do Ministério afirme o fortalecimento da pluralidade de conteúdos e formas, na prática, o que existe é um Estado que garante monopólios de produtores, por um lado e, por outro, "currais" de consumidores. Embora a proposta de TV pública tenha significado um grande avanço, a recém nascida Empresa Brasil de Comunicação (EBC) que congrega rádio, tevê e internet não consegue se distanciar desta visão e prática. A Constituição de 1988 defende a existência de um sistema de radiodifusão com uma vertente privada, uma governamental e uma vertente pública que *"não seria subordinada nem às regras do mercado nem ao controle do poder político, mas sim à influência direta da sociedade civil."* O texto do site está corretíssimo, mas a realidade é outra: qual é a influência direta da sociedade civil na EBC? Qual é a representatividade para a sociedade civil da atual diretoria ou do atual Conselho Curador? E por que não desafiar esse sistema que supostamente nos representa?

Não é verdade que, neste sistema-empresa, "a sociedade civil, mais do que o mercado ou o Estado, tenha voz ativa e participação direta". Temos, no máximo, uma participação indireta. O sistema-empresa baseado numa participação indireta da sociedade, além de insuficiente (a representação é sempre insuficiente), nos reduz a consumidores mais ou menos ativos de produtos. Nos chamam então de telespectadores (e de Homer Simpson).

É louvável que os produtos da EBC provenham das tevês educativas estaduais (TVE's), universitárias e comunitárias. Contudo, o que ficou evidente depois da saída de alguns de seus diretores, é que não há, por parte da empresa, interesse em divulgar uma produção mais diversificada; menos interesse ainda em viabilizar uma produção independente que poderia vir de Pontos de Mídia e que significaria, essa sim, a nossa participação direta em um ciclo de consumo e produção de comunicação. Porque hoje, não se trata apenas de escolher o que ver na tevê, mas de todos fazermos tevê! (ou qualquer outra mídia).

A democratização radical da Comunicação em geral e da TV pública em especial, – radicalização da representação e radicalização da gestão – passa inevitavelmente pela radicalização da produção. O que significa isso? Significa que a implementação dos Pontos de Mídia (no MinC, mas também no Ministério das Comunicações) seria a base de uma expansão da produção que manteria "representantes" do Estado e "gestores" da Empresa, sob a contínua pressão de uma multidão de produtores autônomos (e não apenas sob a pressão de algum corajoso diretor) que fizesse, da TV pública, um espaço para "escoar" sua produção, em toda sua pluralidade de conteúdos e formas e que fizesse uso das novas formas de licenças: *software* livre, *copyleft*, *creative commons*, etc.

Viabilização dos produtores autônomos

Mais do que discutir se o consumidor é passivo ou eventualmente ativo diante da tevê, e além de discutir se há mais ou menos interação com tal ou qual sistema digital, torna-se urgente a constituição de uma TV pública que tenha por base uma ampla rede produtiva e colaborativa. Uma rede independente que viria fortalecer a rede governamental existente (tevês Câmara, Senado e Justiça) e as redes educativas estaduais, universitárias e comunitárias. Até agora, a EBC sustentou um perfil estatal, talvez porque este perfil não ameace diretamente os interesses da produção comercial.

E daqui, voltamos ao Ministério das Comunicações, onde a inclusão digital é pensada pela via do "acesso" aos serviços (via salário atrelado ao emprego), isto é, com o propósito de aumentar o número de consumidores para os mesmos produtores de sempre. O que procuramos "destravar" é a lógica segundo a qual o Ministério constrói uma infra-estrutura (de rádio, televisão e internet) que, em seguida, é oferecida com prioridade aos grandes produtores de conteúdos privados, sem mostrar preocupação em viabilizar produtores autônomos (nós, os muitos!). Nesse sentido, lógica do Estado e lógica da Empresa coincidem totalmente e totalitariamente. É um casamento perfeito. O que procuramos destravar é essa lógica tecnológica e sociológica que nos reduz a consumidores dos produtos que socialmente produzimos, mas cujas rendas nos são subtraídas por oligopólios privados em associação a uma gestão estatal centralizadora e legitimada pelo direito autoral atual.

Como a constituição de uma rede pública de Pontos de Mídia contribuiria para a ampliação de um domínio do comum?

Foucault comenta ironicamente a ambivalência do termo "Ministro" que serve à economia das almas do poder pastoral e à economia política dos governos. E, acrescentamos, à mídia oligopolista. Podemos considerar a mídia brasileira como um neo-poder-pastoral: assim como o pastor cuida simultaneamente de todo o rebanho e de cada uma das ovelhas, articulando um mercado de "massa" com um mercado de "nichos". Cada uma dessas "economias" escolhe os dispositivos que considera adequados para o exercício do poder sobre a população, um poder tão totalizante quanto individualizante, cuja aparente diversidade é, na realidade, programada, com pouca margem ao acontecimento: há diversidade, mas não multiplicidade.

Já Agamben divide o existente em dois conjuntos: os seres viventes e os dispositivos definidos como *"tudo aquilo que tem a capacidade de capturar, modelar, orientar e determinar as opiniões e as condutas dos seres viventes"*.

Os dispositivos são responsáveis pelo processo de hominização ou produção de sujeitos. Contudo, em tempos de capitalismo contemporâneo, embora se multipliquem e proliferem, segundo Agamben, os dispositivos seriam mais propriamente produtores de des-subjetivação. Contrariando o senso comum que associa religião a religare, Agamben afirma que o capitalismo generaliza a separação típica da religião onde é sagrado aquilo que é reservado aos Deuses e que, nessa qualidade de sagrado, é subtraído ao uso comum dos homens. O capitalismo leva ao extremo esse processo característico da religião por meio da divisão entre trabalho intelectual e manual, e por meio da separação entre produção e consumo. Ambas resultam em des-subjetivação. Enquanto o rito religioso separa sagrado e profano, o rito capitalista mantém a produção em uma esfera sagrada, enquanto ao mundo profano reserva o mero consumo.

Pelos interesses que defendem e pelas políticas que adotam, Ministério das Comunicações e Empresa Brasil de Comunicação – nossos sumos sacerdotes – cuidam para que produção e consumo se mantenham separados. A nós, precariado da comunicação, a nós, pobres mortais, resta apenas o consumo do espetáculo televisivo.

Agamben nos indica como "tarefa política" a profanação dos dispositivos: a restituição ao comum dos homens daquilo que deles havia sido separado. É necessário restituir Ministério e Empresa ao comum cobrando incentivo à nossa autoria coletiva, à nossa produção colaborativa, ao nosso consumo compartilhado e nossa participação direta em seus processos decisórios.

Hardt e Negri estendem a reflexão dos dispositivos às redes de radiodifusão e de internet: *"Em termos políticos, a infra-estrutura global de informações e a combinação de um mecanismo democrático com um mecanismo oligopolista (...). A rede democrática (a internet) é um modelo completamente horizontal e desterritorializado. (...). Já o modelo de rede oligopolista é caracterizado pelos sistemas de difusão (rádio e tevê). (...) A rede de difusão é definida pela produção centralizada, pela distribuição em massa, e pela comunicação de mão única"*. Seria esse o destino trágico das redes de radiodifusão? Devemos desistir dela? Não, porque observamos que a situação da internet em 2009 é bem diferente daquela que descreviam Hardt e Negri em 2000. Se a internet foi capturada, televisão, rádio e imprensa não poderiam ser profanados, isto é, transformados em dispositivos de produção aberta? Não poderiam as redes de difusão (rádio e tevê) e de distribuição (imprensa) tornar-se horizontais e descentralizadas?

Para além dos determinismos tecnológicos, por que não apostar nas forças sociais que se apropriam dos dispositivos?

Porque não destravar nossa imaginação e nossos desejos, e criar um p2p televisivo, radiofônico ou impresso?

Aqui nascem os Pontos de Mídia Livre. A própria pressão democrática de uma multiplicidade produzindo para uma multiplicidade e praticando novas formas de licenciamento faz cair o muro erguido pelo direito autoral entre o indivíduo-autor e um público-consumidor. Uma monstruosa rede de Pontos de Mídia – TV e rádio e internet e publicações impressas e eletrônicas – aponta essa possibilidade de democratização radical: da autoria, da produção, do consumo (reduzido ao "acesso", quando o que desejamos é a radicalização do "uso") e da gestão da TV pública e da comunicação pública em geral.